

# SEMANA<sup>2018</sup> pedagógica 1º semestre



**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO

Secretaria da Educação

## ANEXO 3

Método Teacch: Bases Filosóficas e Conceituais

PROFESSORES

## ANEXO 3 - Método Teacch: Bases Filosóficas e Conceituais

Marcos Cezar Simioni da Cruz

Para compreendermos a construção do método TEACCH em sua forma estrutural, é importante considerarmos a sua base conceitual, e segundo Kwee, Sampaio e Atherino (2009), alguns referenciais teóricos, embora antagônicos no que tange a compreensão da mente, são cenários na construção deste método de ensino: a Psicolinguística e a Teoria Behaviorista.

A Psicolinguística, uma área de estudo vista sob uma ótica disciplinar, tem trazido grandes contribuições para o campo da educação, e segundo Cabral (1986), é uma ciência que se ocupa em “observar, descrever e explicar os processos envolvidos na comunicação”, onde há uma mensagem que é comunicada por meio de um canal, num determinado contexto e momento histórico.

KWEE, SAMPAIO e ATHERINO (2009, p. 218), ao se referir ao Autismo, expressam que

foi na Psicolinguística que se buscou as estratégias para compensar os déficits comunicativos desta Síndrome, como a utilização de recursos visuais, proporcionando interação entre pensamento e linguagem e para ampliar as capacidades de compreensão, onde a imagem visual é geradora de comunicação.

É possível observar as preocupações desta abordagem quanto a utilizar uma abordagem que valorize a comunicação e a expressão do sujeito para a compreensão do seu pensamento, bem como a presença de recursos visuais que estimulem essa interação.

Uma outra importante contribuição na construção do método TEACCH foi o Behaviorismo.

É comum pessoas usarem termos como “causa e efeito”, ou ainda “estímulo e resposta” em se tratando de resultados determinados por uma ação. Este conceito, muito presente até mesmo no senso comum, é fruto de um conceito científico da teoria behaviorista, que explica a aprendizagem através desta relação.

A tônica da visão de mundo behaviorista está nos comportamentos observáveis e mensuráveis do sujeito, nas respostas que ele dá aos

estímulos externos. Está também naquilo que acontece após a emissão de respostas, ou seja, na consequência. (MOREIRA, 1999, p.14).

As contribuições destas distintas abordagens, aplicadas de forma prática, levam a formar a estrutura do método TEACCH, considerando na prática pedagógica a importância dos estímulos do ambiente, a importância dos reforços positivos para fixação das aprendizagens, e ainda a criação de um ponto de desequilíbrio que leva o estudante a buscar novas aprendizagens baseadas em conhecimentos já assimilados. Assim, ao voltarmos para estas duas importantes correntes teóricas, buscamos relembrar seus conceitos básicos no intuito de compreendermos os fundamentos do método.

A convergência destes conhecimentos foi essencial na construção de uma prática pedagógica que inicialmente foi motivada para atender crianças com autismo, cuja tríade de comprometimentos na área da linguagem, do comportamento e nas interações, demandam ações sistematizadas e estruturadas.

O método TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children) cujo significado é "Tratamento e Educação para Crianças com Autismo e Transtornos relacionados à Comunicação", foi desenvolvido por um médico chamado Eric Schoppler e seus colaboradores, na década de 60, no Departamento de Psiquiatria da faculdade de medicina na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, e se utiliza de uma avaliação que leva em conta os pontos fortes e suas fragilidades para construir um programa individualizado (FERNANDES, 2010, p.28).

Em comparação com outros métodos de intervenção existentes, o TEACCH contempla questões de cunho educacional, relacionadas a parte pedagógica e formal da aprendizagem do estudante, além de ajudar no desenvolvimento do comportamento (LEON; FONSECA, 2013, p.180).

Conforme Ferreira (2016), no Brasil, a implantação deste programa iniciou-se no Centro TEACCH Novo Horizonte, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no ano de 1991, sendo posteriormente, implantado no AMA (Associação de Amigos do Autista) e também pelas Apaes (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais).

Conforme aludido, o método TEACCH foi proposto para oferecer instrumentos de comunicação para crianças autistas. Para Coll (2004) o mesmo pretende desenvolver habilidades comunicativas em contextos naturais para pessoas com Transtorno Global do Desenvolvimento, e propõe um guia composto por objetivos e uma série de sugestões de atividades para avaliá-la e programá-la.

Conforme Giardinetto (2005), o TEACCH tinha como intenção questionar os tratamentos propostos na época para crianças com autismo, baseados nos princípios da psicanálise. Nesse modelo psicodinâmico, tinha-se por base os conflitos internos vividos pelas crianças, bem como os sentimentos de rejeição vivenciados inconscientemente, e possíveis dificuldades do relacionamento entre pais e filhos.

Segundo Mello (2007), o TEACCH utiliza uma avaliação chamada de PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) que leva em conta tanto as dificuldades dos estudantes como os seus pontos fortes, realizando uma ação pedagógica individualizada.

Kwee, Sampaio e Atherino (2009), apresentam o TEACCH como um programa que envolve tanto atendimento educacional pedagógico quanto atendimento clínico, com abordagem psicoeducativa, considerado um programa multidisciplinar. Tem-se como base epistemológica, a teoria comportamental e a psicolinguística, visto que há tanto elementos reforçadores quanto o uso de recursos visuais que visam ampliar habilidades de compreensão e comunicação.

Conforme Figueiredo (2009), o plano de trabalho se inicia por meio de uma observação da forma como o estudante responde, e utiliza para isso, uma gama de materiais, recursos, situações, instruções e atividades que são apresentadas das mais diferentes formas, nas mais diversas estruturas. Algumas áreas se destacam como comunicação, autonomia e demais competências.

Morais (2012), em sua dissertação, apresenta um conjunto de princípios e estratégias para desenvolver a metodologia, que vão desde a estruturação dos espaços, do tempo, da organização dos materiais e das atividades, possibilitando que estudantes que utilizem este método possam mobilizar uma organização interna facilitando assim o processo de aprendizagem e a busca pela autonomia.

Eis a seguir algumas destas características:

- O fornecimento de informação clara e objetiva das rotinas;
- Um ambiente calmo e previsível;
- O atendimento à sensibilidade do aluno aos estímulos sensoriais;
- Sugestão de tarefas diárias que a criança é capaz de realizar;
- Promoção da autonomia;
- Adequa-se às necessidades de cada criança;
- Centra-se nas áreas fortes de cada criança;
- Adapta-se à funcionalidade de cada criança;
- Envolve toda a família e os técnicos intervenientes no processo educativo (MORAIS, 2012, p.90).

Como podemos perceber, o método centraliza-se na singularidade de cada sujeito, buscando evidenciar suas necessidades, suas potencialidades e suas fragilidades, e com base nestas informações, construir uma proposta estruturada que proporcione a melhor forma de intervenção, mobilizando espaços e tempos, bem como materiais e recursos específicos. Um objetivo que perpassa todo ensino estruturado é a busca pela autonomia do sujeito, que inserido neste espaço, começa a desenvolver suas habilidades.

Esta proposta de trabalho não se caracteriza como um método fechado, mas tem a intenção de apontar caminhos, se tornando um sistema de orientação de base visual, e que se apoia na forma como a estrutura se organiza e na qual os recursos são disponibilizados, visando aprimorar a linguagem, a aprendizagem de conceitos e também a mudança de comportamentos (FERREIRA, 2016).

É importante compreendermos que, este mesmo espaço em que o sujeito interage com os estímulos organizados, possibilitará o desenvolvimento de habilidades que extrapolarão para situações vivenciadas no dia a dia do sujeito. É o que Fernandes afirma quando cita que

numa perspectiva educacional o foco do Programa TEACCH está no ensino das capacidades de comunicação, organização e prazer na partilha social. Assim, centra-se nas áreas fortes (processamento visual, memorização de rotinas e interesses especiais) devendo ser adaptado a diferentes níveis de funcionamento e às necessidades individuais de cada criança.

O TEACCH é um modelo de ensino que através de uma “estrutura externa”, organização do espaço, materiais e atividades, permite criar mentalmente “estruturas internas” que devem ser transformadas pela própria criança em “estratégias” e, mais tarde, automatizadas de modo a funcionar fora da sala de aula em ambientes menos estruturados (2010, p.28).

O ensino estruturado tem uma grande vantagem sobre outras ferramentas de trabalho, principalmente em relação às crianças que apresentam dificuldades na organização de espaços e de rotinas.

Para Mello (2000, apud. Ferreira, 2016), é possível que o professor realize adaptações das ideias gerais em relação ao espaço da sala de aula e dos recursos disponíveis, levando em consideração inclusive a personalidade das crianças, compreendendo e respeitando as características próprias dos alunos.

## **A ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS E DOS ESPAÇOS**

Em relação à forma como são organizados os espaços e as atividades, os professores determinam espécies de “estações de trabalho”, ou seja, espaços em separado onde cada qual propõe uma atividade educativa a ser executada, e onde cada estudante trabalha sozinho. As diferentes atividades organizadas pelo professor incluem tarefas viso-motoras como classificação de objetos por cor, dobrar cartas e por em envelopes, tarefas expressas em uma rotina (agenda) que propõe o manuseio de objetos, figuras, fotos, cartões ou até mesmo palavras, caso o estudante precise ainda se alfabetizar. (GIARDINETTO, 2010).

O TEACCH também possibilita o desenvolvimento da linguagem. O método explora de forma concomitante as linguagens expressivas e receptivas, através de estímulos visuais, estímulos corporais como apontar, fazer gestos ou realizar movimentos; bem como estímulos audiocinestésicos visuais envolvendo sons, palavras, movimentos associados às fotos, no intuito de estimular a linguagem oral (FERNANDES, 2010, p.32).

Uma outra nuance do método TEACCH, segundo a autora, é a aplicação do método aliado ao uso de tecnologias assistivas. Aqui, é possível desenvolver de forma concomitante um trabalho relacionado a linguagem receptiva e expressiva, utilizando recursos visando a aprendizagem de forma divertida e que mantenha o interesse (OLIVEIRA, 2017).

Os materiais são dispostos de forma sequencial afim de que o estudante possa receber os estímulos e internalizá-los, colocando tais elementos apreendidos dentro de uma rotina a ser desenvolvida sistematicamente.

Conforme Giardinetto (2005), os estudantes desenvolvem diversas atividades de forma autônoma, por meio do uso de uma rotina que indicam quais tarefas o mesmo irá passar naquele dia, elaboradas com objetos concretos, figuras, fotos, cartões ou palavras.

Para Oliveira (2017), algumas técnicas de manejo do comportamento apresentam resultados satisfatórios na abordagem com crianças autistas, pois é possível que se ensine com o apoio de uma rotina visual, valorizando desta forma as respostas assertivas e atuando sobre os comportamentos indesejados.

O método traz em sua disposição um grande número de estímulos visuais, pois se entende que os mesmos possibilitam maior fixação das tarefas aprendidas. Leon e Osório (2011) afirmam que estas informações visuais tem papel essencial pela natureza perceptual e concreta, e cujos atributos não requerem do estudante capacidades simbólicas complexas demais, ou seja, auxiliam na compreensão e na expressão de

enunciados e instruções que são vivenciadas no cotidiano do estudante.

Para que a aplicação do método possa ter resultados ainda melhores, é muito importante que todos os envolvidos no processo, como a família dos estudantes; gestores; professores da Educação Especial; professores regentes de turma, diretores das escolas e demais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem do estudante; equipe técnica como Terapeutas, Psicomotricistas, Psicólogos e outros, caso seja necessário; e outros serviços da comunidade que se julguem necessários para responderem às necessidades destes estudantes.

Para Giardinetto (2005) podemos elencar alguns objetivos partindo dos princípios básicos do método, que são: ensinar o significado que existe nos ambientes vivenciados pelo estudante, ensinar as relações de causa e efeito, levá-la à comunicação, além de tornar os estudantes independentes através de atividades significativas para a vida adulta.

Para alunos com TEA<sup>1</sup> é importante planejar a disposição física do ambiente, pois apresentam dificuldades quanto à organização espacial e de orientação, quando nesta não há um sistema de referências. Desta forma, o TEACCH oportuniza pistas visuais que auxiliam o estudante na compreensão e na atenção a tarefa (FERREIRA, 2016).

Segundo Gonçalves (2014), organizar a estrutura física diferenciando os espaços de trabalho pode colaborar no atendimento à criança autista. Para a autora,

O recomendado é que exista um local para a aprendizagem de atividades novas, outro para atividades já conhecidas (para que sejam realizadas de forma independente) e um espaço para atividades livres. Tal diferenciação nos ambientes é explicada pelo fato de que os comportamentos e as regras envolvidos nas diversas situações são diferentes, portanto exigem espaços visualmente distintos, facilitando a compreensão por parte da criança (GONÇALVES, 2014, p. 8).

Em relação à aprendizagem, Oliveira (2017) aponta também para o fato de que a metodologia favorece a generalização, pois as atividades, que podem ser ofertadas em diferentes contextos, faz com que a aprendizagem aconteça, auxiliando inclusive no controle do comportamento, estimulando e desenvolvendo a atenção da criança, proporcionando melhor organização do seu pensamento.

A Direção Geral da Educação do Ministério da Educação de Portugal, em uma de suas publicações, aponta algumas possibilidades de organização do ensino estruturado, nas quais é possível construir uma prática efetiva de intervenção pedagógica. Conforme

1 Transtorno do Espectro Autista.

DGIDC (2008, apud Figueiredo, 2009), uma unidade de trabalho pode ser dividida em: área de transição, área de reunião, área do aprender, área do trabalho autônomo, área de trabalho em grupo, área dos jogos, área do brincar, área do computador, área da leitura, área da música e área das pequenas refeições. Em cada uma destas áreas, é possível desenvolver diferentes atividades:

- Área da transição: o estudante sabe quais as atividades em sequência irá realizar, ajudando quanto a sua organização frente às mudanças;
- Área de reunião: espaço destinado para a conversa, o diálogo e a planificação das atividades a serem realizadas;
- Área do aprender: espaço para evitar a distração, ajudando o estudante frente às dificuldades com a atenção e a concentração, e no desenvolvimento de novas competências para a próxima etapa, o trabalho autônomo;
- Área do trabalho autônomo: o aluno realiza nesta área o trabalho de forma autônoma, visualizando um plano de trabalho com os indicativos das tarefas que irá realizar;
- Área de trabalho de grupo: espaço para desenvolver comunicação e interação social, por meio de trabalhos em grupo, onde todos participam, independente dos níveis de funcionamento;
- Área dos jogos: os estudantes desenvolvem importantes funções cognitivas através do uso de jogos;
- Área do brincar: relaxamento, momentos de espera, aprender a brincar e a agir na esfera simbólica;
- Área do computador: por meio do computador, o estudante desenvolve várias competências realizando jogos e trabalhos;
- Área da leitura: os estudantes manuseiam livros livremente. Aqui também se realiza estímulos para a comunicação;
- Área da música: espaço com materiais e instrumentos musicais visando explorar sons e cantar canções;
- Área das pequenas refeições: os estudantes comem seus lanches.

Tais ideias mostram apenas algumas das muitas possibilidades de organização do ensino estruturado. Vale ressaltar que as adaptações são pertinentes e até muitas vezes necessárias, visto que cada realidade apresenta diferentes demandas de trabalho. É importante levar em consideração as peculiaridades de cada estudante, bem como os recursos disponíveis na escola para a organização do trabalho.

De qualquer forma, o objetivo do método deve sempre estar na base da prática, que é o desenvolvimento da autonomia do sujeito. Quanto mais as tarefas, mediadas por meio da ação do professor, ou pelos estímulos diretos, forem sendo apropriadas pelo estudante, maior autonomia ele terá para se organizar cada vez mais nestes espaços, e transcender para situações da vida cotidiana.

## REFERÊNCIAS

ABREU, L. C. de et al. **A epistemologia genética de Piaget e o construtivismo**. Rev. Bras. Crescimento e Desenvolvimento Humano. 2010; 20(2): 361-366.

CABRAL, L.S. **Processos psicolinguísticos de leitura e a criança**. IN: ANAIS do Seminário As Ciências da Linguagem e a Formação do Leitor. Letras de Hoje. Porto Alegre, 1986.

COLL, C. PALACIOS, J. e MARCHESI, A. (Orgs). **Desenvolvimento Psicológico e educação: Transtornos do Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais**. -2 ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_, C. PALACIOS, J. e MARCHESI, A. (Orgs). **Desenvolvimento Psicológico e educação: Transtornos do Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais**. -2 ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 2004.

FERNANDES, S. F. da S. N. **A adequabilidade do modelo TEACCH para a promoção do desenvolvimento da criança com autismo**. Ed. Porto, 2010.

FERREIRA, P. P. T. F. **A Inclusão da Estrutura TEACCH na Educação Básica**. Frutal-MG: Prospectiva, 2016.

GIARDINETTO, A. R. dos S. B. **Comparando a interação social de crianças autistas: as contribuições do programa TEACCH e do Currículo Funcional Natural**. – São Carlos: UFSCAR, 2005.

GONÇALVES, Y. R. **Intervenção neuropsicológica para flexibilidade cognitiva em adolescentes com transtornos do espectro do autismo**. Dissertação apresentada por Yanne Ribeiro Gonçalves à Banca de Defesa como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia junto ao Programa de Pós- Graduação em Psicologia-Mestrado da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

KWEE, C. S. **Abordagem Transdisciplinar no Autismo: O programa TEACCH**. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissionalizante em Fonoaudiologia da Universidade Veiga de Almeida, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. Rio de Janeiro. 2006.

KWEE, C.S. SAMPAIO, T.M.M. ATHERINO, C.C.T. **Autismo: Uma avaliação transdisciplinar baseada no programa TEACCH**. Revista CEFAC, v.11, supl2, 217-226. 2009.

LEON, V. FONSECA, M. **Contribuições do Ensino Estruturado na Educação de Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo**. In: Schimidt, Carlo (Org.). Autismo, educação e transdisciplinaridade. Campinas, SP: Papirus, 2013.

LEON, V. OSÓRIO, L. V. C. (2011). **O método TEACCH**. In J. Schwartzman & C. Araújo (Eds.), Transtornos do Espectro do Autismo (pp. 263-277). São Paulo: Memmon. 2011.

MELLO, A. M. S. R. de. **Autismo: guia prático** - 6. Ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

MORAIS, T.L. dos S. Modelo TEACCH – **Intervenção Pedagógica em crianças com perturbações**

